

## Iniciativa Imagine Brasil

### *Síntese do Diálogo com participantes do CEO's Legacy*

A iniciativa Imagine Brasil tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com representantes desses setores.

Após o evento de lançamento do projeto, ocorrido em agosto de 2021, já foram realizados nove Diálogos – envolvendo discussões com lideranças dos segmentos de Educação, Defesa e Segurança Pública, Meio Ambiente, Lideranças Sociais, Empresários, Esportistas, Economistas, Jornalistas e Indígenas e Povos Tradicionais.

Este é, portanto, o décimo encontro da série Aspiração para o Brasil, que foi realizado em 27 de abril de 2022 e contou com a participação de Ariel Frankel, Christian Orglmeister, Hugo Ladeira, Lídia Abdalla, Liel Miranda, Marcelo Pereira Malta de Araújo, Manuella Curti, Maurício Adade, Natália Dias, Paulo Augusto Alvarenga e Teresa Vernaglia (minibios em anexo).

Os participantes foram convidados a refletir sobre o Brasil e a compartilhar suas visões sobre o contexto histórico de suas áreas e sobre seus anseios e sonhos para o país até 2030. O objetivo dos Diálogos é ampliar a escuta dos brasileiros e buscar possíveis convergências para fazer a ponte entre aspiração e performance, que é onde o sonho se transforma em realidade.

.....

### **Destaques**

- O atual grau de desigualdade social do país é absolutamente inaceitável, pois pessoas precisam ter qualidade de vida digna.
- Uma retomada do crescimento econômico não se baseia somente no setor primário.
- Deveríamos criar mecanismos e ações para a distribuição de renda na base.
- O Brasil precisa combater as suas diversas desigualdades – e não apenas a da renda – mas também as de etnia e de gênero.
- O país vive hoje uma exclusão que leva boa parte da população a condições abjetas e subumanas de vida.

- Queremos um modelo de desenvolvimento mais inclusivo e mais diversificado, que tenha uma visão de “melhor Estado” e de governança colaborativa.
  - Temos de fortalecer nossa democracia, mantendo nossas instituições mais sólidas a cada dia.
  - O país precisa revigorar o que podemos chamar de padrões de liderança.
  - Falta um planejamento estrutural no Brasil, que nos permita superar os ciclos eleitorais sem afetar as perspectivas de desenvolvimento.
  - Torna-se fundamental investir na educação, pois, com a pandemia, passamos a enfrentar pelo menos uma década de retrocesso no ensino.
  - Temos algumas experiências muito exitosas de ensino público, como no Ceará e em Pernambuco.
  - O Brasil precisa se consolidar como um celeiro energético, com investimentos na bioeconomia e descarbonização.
  - Devemos ter como aspiração e um sonho liderar não só a agenda ambiental do mundo, mas também a agenda do combate à fome.
  - Devemos ficar atentos com a saúde financeira das pequenas e médias empresas, que representam o coração da economia e da geração de empregos.
  - Temos de conciliar a defesa dos nossos interesses empresariais com os propósitos de o país atingir um nível superior de bem-estar social.
  - Se essa reflexão ocorresse há cinco anos, as necessidades de mudança talvez não fossem colocadas com tanta contundência.
  - Há uma riqueza muito grande nesse debate, no qual a contribuição dos participantes do CEO's Legacy ganha uma dimensão muito relevante.
- .....

## **Contexto e Aspirações**

- Precisamos criar melhores condições de vida para as pessoas e, para isso, é fundamental investir no saneamento básico, com a aspiração de vivermos num país totalmente saneado até 2030. Não há a menor

condição de o Brasil ter a metade da população pisando em esgoto aberto.

- Paralelamente ao saneamento, é preciso priorizar também o setor de infraestrutura e da geração de alimentos para se garantir a subsistência da população, que é também uma forma coletiva de redução da pobreza.
- O atual grau de desigualdade social do país é absolutamente inaceitável, pois o Brasil precisa garantir as condições de as pessoas terem uma qualidade de vida digna. Para isso, precisamos encontrar um modelo de crescimento econômico consistente e sustentável que nos faça sair da armadilha em que entramos.
- Uma esperada retomada do crescimento econômico não poderá se basear somente no setor primário. Para que ela seja sustentável e de alto valor agregado, é preciso priorizar também a indústria, de modo a gerar mais emprego e renda, visando dar mais dignidade às pessoas.
- Paralelamente, deveríamos criar mecanismos e ações para a distribuição de renda na base, por meio de programas como o Bolsa Família ou outros correlatos que sejam economicamente viáveis.
- Seria fundamental também resgatar a inclusão de minorias. Uma das ações poderia ser o fomento ao empreendedorismo feminino, visando ampliar a presença das mulheres no mercado.
- Ao mesmo tempo, elevar a equidade racial, já que 56% da população brasileira é parda ou negra, e garantir a essa parcela da sociedade maior acesso ao emprego, à renda e à educação, com reflexos claros no crescimento.
- O Brasil precisa, na verdade, combater as suas diversas desigualdades - e não apenas a da renda - mas também as de etnia e de gênero.
- O país vive hoje uma exclusão que leva boa parte da população a condições abjetas e subumanas de vida, explicitando um verdadeiro apartheid social.
- Precisamos enfrentar o desafio de buscar um modelo de desenvolvimento mais inclusivo e mais diversificado, definindo se queremos optar por uma linha mais ortodoxa e liberal ou mais inclusiva e estruturalista, no sentido de estarmos menos voltados para as políticas industriais, com investimentos expressivos em ciência e tecnologia.

- Estamos crescendo menos que a média dos países em desenvolvimento. Para nos inserirmos na economia global de forma consistente, é preciso acelerar esse processo.
- Nesse contexto, o que se discute é a função do Estado como indutor do desenvolvimento. Queremos uma atuação do setor público mais ativa ou mais passiva?
- Na verdade, acreditamos ser possível superar essa discussão binária, defendendo uma visão de “melhor estado” e de governança colaborativa mesmo, no sentido de o governo atuar junto aos demais setores para habilitá-los, capacitá-los e viabilizá-los para a geração de riqueza.
- Precisamos colocar entre as aspirações a questão das reformas administrativa e tributária. O Estado hoje é muito custoso e pouco distributivo para a sociedade em relação ao volume da arrecadação, tornando-se necessário um destravamento do aparato fiscal atual.
- Com isso, é possível gerar ganhos com maior eficiência na distribuição tributária, mais produtividade e redução da sonegação.
- Em geral, as aspirações acordadas nesse debate se mostram essenciais para que possamos de fato atingir um estágio de desenvolvimento socioeconômico superior para a nossa sociedade.
- Não temos dúvida da necessidade de fortalecermos nossa democracia, mantendo nossas instituições a cada dia mais sólidas para que as pessoas possam viver em paz.
- É preciso também investir na segurança pública, pois estamos perdendo a guerra para o crime.
- O país precisa, também, revigorar o que podemos chamar de padrões de liderança – tanto do ponto de vista político como das funções mais burocráticas na área pública, no terceiro setor e mesmo no universo empresarial.
- A primeira grande função do líder é propugnar ideias e construir visões de longo prazo, aglutinando especialistas em planejamento e resgatando algo que perdemos há um tempo – a capacidade de diálogo com a sociedade.
- Na pauta, devemos colocar a necessidade da austeridade do líder, no sentido de sua intolerância total com a impunidade e do rigor com as suas condutas éticas.

- Falta um planejamento mais amplo e estrutural no Brasil que nos permita superar os ciclos eleitorais sem afetar as perspectivas de desenvolvimento e de articulação com a sociedade civil. E nós acabamos voltando para o velho problema: como planejamos mal, também executamos mal.
- Falou-se aqui de uma agenda de combate à violência e de busca da paz interna, que são ações fundamentais. Mas, com nossa tradição de país pacífico, temos pedigree – assim como uma diplomacia cooperativa eficaz –, para fazermos parte da agenda internacional de paz, diante de um mundo tão conturbado.
- Para refletirmos sobre nossas aspirações, temos de resgatar as heranças culturais do país, muito marcadas por problemas que nunca enfrentamos de verdade, como da abolição da escravidão e da nossa independência, que foi negociada.
- Como disse certa vez o escritor Millôr Fernandes, o Brasil tem um grande passado pela frente. Acreditamos que falta algo como um pacto social para que possamos, enquanto sociedade, ter um senso mais amplo de coletividade.
- Por outro lado, o país parece já estar mais atento e com um olhar mais antenado à questão da inclusão social e econômica da expressiva parcela da população preta ou parda. Porém, tudo isso caminha, como registrado, numa velocidade inferior à desejada por todos nós.
- Torna-se também fundamental investir na educação pois, com a pandemia, passamos a enfrentar pelo menos uma década de retrocesso no ensino, marcado por uma grande evasão, com muitas crianças fora da escola, o que gera um forte custo para o país.
- Os recursos governamentais precisam ser bem geridos para se garantir um ensino público amplo e de qualidade.
- Devemos assumir que a educação começa dentro dos lares – e não apenas nas escolas. Nesse contexto, deveríamos investir também nas artes como motor de aceleração de projetos de inclusão social. O cenário da cultura artística do país poderia ser muito impactante, impulsionando a inovação e a criatividade.
- Precisamos colocar como aspiração o desafio de construirmos um sistema educacional de maior qualidade e mais sustentável, que dialogue com as questões da desigualdade e do desenvolvimento do capital humano.

- A educação torna-se, portanto, um pré-requisito *sine qua non* para qualquer tipo de estratégia de desenvolvimento, que precisa estar sempre em sintonia com os desafios da área de saúde que, igualmente, deveria ser prioridade nesse rol de aspirações para os próximos anos.
- Muitos de nós, com certeza, há 30 anos debatemos desafios relacionados à educação, que fazem parte de um consenso nacional, mas muito pouco se avançou no país nessa área.
- Sabemos, por exemplo, que prioridades do ensino muitas vezes não geram votos, o que torna o tema menos relevante para a classe política.
- Por outro lado, não podemos dizer que não temos avançado em termos educacionais. Cerca de 30 anos atrás, creio que não tínhamos nem 70% das crianças nas escolas – percentual que se aproxima de 100% atualmente. Ainda que com uma qualidade de ensino muito inferior à do passado.
- De qualquer forma, temos alguns casos de experiências de ensino muito bem-sucedidas, como ocorre, por exemplo, no Ensino Básico do Ceará e no Ensino Médio de Pernambuco. E não são realidade de um ou dois anos, mas experiências exitosas de 10 ou 15 anos.
- Sem dúvida, há determinação política bem clara nesses casos de sucesso, ainda que as mudanças não venham ocorrendo na velocidade que desejamos. A questão é: por que não se consegue replicar essas experiências pelo Brasil afora?
- Uma das respostas está no fato de o país não ter, nos últimos anos, conseguindo alavancar de fato políticas públicas em nível nacional, sob coordenação do governo federal.
- Há estudos demonstrando que, independente dos partidos políticos que se alternam no poder, nesses estados ocorreram certos arranjos institucionais que garantiram a continuidade das políticas educacionais por cerca de até 20 anos, desde a década de 1990, o que vem gerando frutos muito significativos.
- Em 2019, por exemplo, o resultado do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) indicou que, entre as melhores notas do Brasil, nove foram de escolas do Ceará – e vale destacar que todas elas são públicas. Ou seja, não se trata de uma questão de recursos financeiros.
- Não podemos perder de vista que esses entraves estruturais da educação têm reflexos claros na produtividade da economia do país, criando um gargalo que não temos conseguido superar.

- Mas temos também alguns motivos de otimismo na área educacional, pois o país conseguiu, nos últimos anos, superar a Argentina em termos de resultados no PISA.
- Para completar esse cenário de retomada, temos de garantir também a sustentabilidade ambiental, levando o país a resgatar seu protagonismo e ser um “novo Oriente Médio” em termos de energia sustentável, tendo a matriz energética vinculada à eólica, à hidrelétrica e ao etanol.
- Esperamos também que o país se torne, até 2030, mais lúcido e mais sustentável do ponto de vista energético, aproveitando o fato de Brasil ser um celeiro energético de desenvolvimento de seu potencial e de sua vantagem comparativa em relação às demais nações na direção de uma matriz ainda mais diversificada da que temos hoje. Para isso, temos de encarar desafios na bioeconomia e na descarbonização.
- Uma das questões recorrentes nos nossos debates é exatamente o desafio de fazer o Brasil ser, simultaneamente – e de forma harmônica – o maior produtor de alimentos do mundo e também uma das maiores potências ambientais do planeta. Temos de saber tirar vantagens desses diferenciais.
- Precisamos reforçar essa perspectiva de o Brasil se consolidar como um celeiro energético. Podemos, com certeza, nos tornar uma Arábia Saudita do hidrogênio verde. E com destaque para a possibilidade de sermos também uma potência da descarbonização.
- Devemos ter como aspiração e um sonho liderar não só a agenda ambiental do mundo, mas também a agenda do combate à fome.
- Vivemos hoje em um ambiente empresarial muito hostil. Temos de trabalhar para fomentar os negócios de forma que eles sejam mais atrativos para o empreendedorismo.
- Ao analisarmos a questão fiscal, precisamos considerar um fato que nos preocupa muito no contexto atual. O nível de endividamento do setor privado está muito elevado e pode, sem dúvida, comprometer as metas de crescimento da economia.
- Devemos ficar atentos com a saúde financeira das pequenas e médias, que normalmente têm mais dificuldades diante de um ambiente mais incerto dos negócios. Elas representam o coração da economia e da geração de empregos.

- Afinal, as grandes empresas têm mais acesso a recursos, podem se organizar melhor e se desenvolver, sempre recrutando os melhores talentos e se conectando internacionalmente.
- Temos de conciliar a defesa dos nossos interesses empresariais com o propósito de contribuir para o país superar seus gargalhos e atingir um nível superior de bem-estar social. E sem esquecermos de incluir a classe política nesse processo.
- Do ponto de vista econômico, temos de nos preocupar com os desafios da inovação, que requerem muitos investimentos em pesquisa e desenvolvimento, para que possamos melhorar os nossos processos produtivos.
- As empresas brasileiras precisam buscar também uma maior interação internacional, não na perspectiva de, necessariamente, tornar-se uma multinacional, mas pelo menos estar mais atenta ao que ocorre na economia mundial.
- Ao fazermos uma análise das aspirações aqui apresentadas, que são convergentes com as outros grupos, percebemos que nós, brasileiros, estamos nos debruçando sobre nossas mazelas e nossos problemas internos, mas com determinação para resolvê-los da melhor forma possível.
- Enquanto isso, sentimos que lideranças de outras nações têm aspirações e sonhos mais globais e voltados para um protagonismo internacional. Ficamos com a sensação de que estamos em busca das nossas soluções, o que é positivo.
- Se essa reflexão, contudo, ocorresse há cerca de cinco anos, por exemplo, as necessidades de mudança na sociedade talvez não estivessem sendo colocadas assim com tanta contundência por parte do grupo.
- Mas temos de fazer esses registros e esses diagnósticos, para que essas questões não se resumam a ideias, pois é fundamental transformá-las em propostas concretas e ações.
- Vale destacar que os diversos segmentos participantes do Imagine Brasil sentem a necessidade de buscar convergência com lideranças de outras áreas, exatamente para se criar essa sinergia que buscamos aqui.
- Há uma riqueza muito grande nesse debate inter-segmentos. Nesse contexto, a contribuição dos participantes do CEO's Legacy ganha uma dimensão muito relevante.

- Vejamos o exemplo dos ambientalistas, que compartilham entre si um certo consenso sobre os problemas enfrentados pelo país no meio ambiente. Mas eles sentem falta, por exemplo, desse diálogo cruzado com os empresários para uma troca maior de ideias e para a interação.
- O mesmo ocorre com as chamadas lideranças sociais, que almejam dialogar mais com os líderes empresariais, por exemplo, pois os valores não divergentes e as ideias podem ser convergentes.
- Acreditamos ser essa a maior riqueza dessa iniciativa da Fundação Dom Cabral, ao se propor a colocar os mais diversos segmentos dialogando sobre temas e desafios comuns.